

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

Mariana Bueno Ferreira Fonseca de Fraga

VÍDEO TEATRAL:

Um estudo sobre o papel das mídias eletrônicas no teatro escolar

PORTO ALEGRE

2011

Mariana Bueno Ferreira Fonseca de Fraga

VÍDEO TEATRAL:

Um estudo sobre o papel das mídias eletrônicas no teatro escolar

Monografia (trabalho de conclusão de curso de especialização) apresentada à Faculdade de Educação como requisito para obtenção do título de especialista em Pedagogia da Arte.

Orientadora: Prof^o MS. Celina Nunes
Alcântara

PORTO ALEGRE

2011

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre a temática das mídias eletrônicas em nosso cotidiano, mais especificamente, no ambiente escolar. Procurou-se investigar, as possíveis relações entre as mídias eletrônicas e a criação teatral no ambiente escolar. Para tal reflexão, destaca-se a presença dessas mídias eletrônicas no processo de criação teatral denominado: Vídeo Teatral, procedimento, que deriva da mistura das linguagens teatral e audiovisual, fazendo uso das técnicas de vídeo para a gravação de cenas teatrais, bem como, de outros recursos, como a inclusão de efeitos visuais e sonoros, a fim de complementar as aulas de teatro. A metodologia da pesquisa deu-se através da análise do material empírico (fotos e vídeos) gerados pelos alunos participantes do trabalho, tanto no ano de 2009, quanto de 2010. Realizou-se, também uma entrevista semi estruturada com um grupo de alunos, que participaram de ambos os processos. Para fundamentar esta reflexão utilizamos algumas ideias dos seguintes autores: Teixeira Coelho, Roger Silverstone, Douglas Kellner, Rosa Maria Bueno Fischer, Joan Ferrés, Stuart Hall, entre outros teóricos, os quais colaboraram com esse estudo. Ao fim do processo de investigação, algumas questões destacaram-se como contribuições provenientes deste processo de pesquisa: o interesse dos alunos pela disciplina de Artes, a valorização desta matéria pela escola e a possibilidade de materializar o efêmero ato teatral.

Palavras-chave: Teatro, Mídia, Educação

Sumário

I. Introdução.....	05
II. A sociedade Multimídia.....	08
II. a. Os princípios da vida multimídia.....	11
II. b. A cultura da Mídia.....	16
III. As mídias vão à escola.....	20
III. a. A Tv uma parceira na educação.....	23
III. b. Educando em parceria com as mídias.....	28
IV. Uma experiência multimídia - vídeo teatral.....	35
IV. a. Primeiros passos.....	38
IV. b. A Resposta dos alunos.....	40
IV. c. Novos desafios.....	45
V. Considerações finais.....	46
VI. Referências Bibliográficas.....	47
VII. Anexos.....	48

I. Introdução

O presente estudo surgiu de uma experiência docente, ocorrida na disciplina de artes, a qual teve início no ano 2009, na cidade gaúcha de São Leopoldo.

Assim, inspirada nas vivências obtidas neste contexto, buscou-se um espaço para refletir sobre as indagações provocadas por essa experiência, desejando não só analisar os fatos ocorridos, mas também compartilhá-los com todos os possíveis interessados, desta forma iniciou-se o processo investigativo. Esta investigação aborda uma temática comum em nossa época, a presença constante das mídias eletrônicas no cotidiano do homem contemporâneo. Dentre, esses elementos midiáticos destacamos a televisão, o telefone celular, a internet, o rádio, os jornais, as revistas, a câmera digital e por fim o cinema, os quais aparecem em todos os espaços sociais, físicos e virtuais na contemporaneidade.

Sendo assim, pretende-se refletir os efeitos dessa abrangente atuação no ambiente responsável pela formação das crianças e jovens, a escola. Pois, constatamos que é através da mídia que se reforça o senso comum, ou seja, é por meio dele determinamos valores, atitudes, gostos e conceitos. E, este fato nos parece merecer uma atenção especial. Por isso, neste estudo, pensamos a esse respeito, bem como procuramos alternativas para se estabelecer um convívio saudável, com essas mídias, em nossas rotinas, principalmente em sala de aula.

O mote da pesquisa foi a possibilidade de refletir e avaliar o método denominado Vídeo teatral, o qual se constitui de uma mistura de linguagens, como a teatral e a audiovisual, num processo, no qual resulta o produto em questão. Então, para realizar esse estudo, aplicou-se a seguinte metodologia: Análise do material empírico (vídeos e fotos) dos alunos operantes nessa prática pedagógica no ano de 2009, em seguida, realizamos o estudo do material empírico (vídeos e fotos) produzido no ano de 2010 pelo mesmo grupo de estudantes. Após essa primeira etapa, realizou-se uma entrevista semi estruturada, na qual foi possível analisar as impressões e opiniões desse grupo de jovens, os quais estão na faixa dos 13 anos,

cursam a 7ª série do ensino fundamental, numa escola pública no município de São Leopoldo e demonstravam pouca experiência com o fazer teatral, até o momento em que se iniciou o procedimento com os vídeos teatrais, foco desta pesquisa.

A segunda etapa deste estudo se deu no campo teórico, no qual sustentado por teóricos como Roger Silverstone, Teixeira Coelho, Douglas Kellner e Stuart Hall, podemos avaliar os efeitos dessas mídias na sociedade atual. Assim, procuramos tecer, em parceria com os autores acima destacados, entre outros, um texto reflexivo, no qual descreve os princípios formadores do que se convencionou chamar de sociedade multimídia, o qual encontra-se no primeiro capítulo desta pesquisa.

Já, a análise da atuação desses elementos midiáticos, especificamente, no ambiente escolar, encontra-se no segundo capítulo deste texto, o qual tornou-se possível com o apoio dos autores Joan Ferrés, Rosa Maria Bueno Fischer, Carles Feixa e Vani Moreira Kenski. Assim, utilizando esses parceiros, buscamos refletir sobre possíveis utilizações desses agentes midiáticos operados e prol da educação, ou seja, procuramos avaliar o quanto essas mídias podem contribuir para a formação intelectual dos alunos bem como nas ações pedagógicas, proporcionadas pelo uso dos produtos midiáticos com intuito de tornar as atividades escolares mais interessantes e mais dinâmicas. Entretanto podemos ir além, e proporcionar debates, reflexões e discussões, os quais, acreditamos que possam colaborar com o crescimento dos estudantes inseridos neste contexto.

Assim, finalizamos esse estudo dedicando ao terceiro capítulo da presente pesquisa um espaço para a análise de todas as etapas do processo com os vídeos teatrais. Desde o seu início em 2009, passando pelos obstáculos da insegurança e da inexperiência dos alunos e, por que não dizer, do preconceito observado por parte deles e também, da escola. Finalizamos, esta etapa, avaliando as respostas destes estudantes sobre este método e, sustentamos essa análise nos autores João Pedro de Alcântara Gil, Luis Otávio Burnier, Célia Spollansky, Vera Lúcia Bertoni dos Santos e Carla Faria Leitão, os quais contribuíram de maneira ímpar para que se avaliasse atentamente todas as possíveis consequências desta prática pedagógica

embasada nos vídeos teatrais, inclusive a existência de outras propostas, ou seja, novos desafios.

Desta forma, esperamos que essa investigação colabore com aqueles que se encontram em situação semelhante como a descrita aqui, ou seja, buscando meios de lecionar nesta sociedade, onde os elementos mídia e educação, ao que tudo indicam, não se separam mais.

II. Sociedade Multimídia

As relações na sociedade contemporânea estão a cada dia mais dependentes dos meios tecnológicos e, desta forma, não seria exagero dizer que o homem atual, está imerso numa complexa rede multimídia. Assim, é nessa intrincada trama social, na qual vivenciamos experiências das mais diferentes naturezas, que vão desde as relacionadas ao campo científico, até aquelas que remetem às trocas interpessoais, passando pelas econômicas e também, pelas intelectuais, que podemos estabelecer os pilares dessa nova composição social, a qual, denominamos como ‘Sociedade Multimídia’. Logo, constatamos que o mundo está irreversivelmente ligado à tecnologia. O globo está ‘conectado’ aos meios multimídias, onde as relações se dão em outra velocidade (diferente das ocorridas em épocas mais remotas de nossa história), em um espaço diferente, o virtual, e com objetivos distintos daqueles almejados pelos primeiros desbravadores, pelos iluminados modernos ou pelos românticos revolucionários. Sobre esse tema SILVERSTONE diz que, “Dizem-nos que estamos no meio de uma revolução tecnológica (...) de amplas consequências, revolução na geração e na disseminação da informação. Novas tecnologias, novas mídias, cada vez mais convergentes pelo mecanismo da digitalização, estão transformando o tempo e o espaço sociais e culturais” (2005, p. 46).

Por isso e desejando contribuir para a reflexão desses fatos tão característicos de nosso tempo, realizamos a presente pesquisa, que visa estudar essas novas relações entre o sujeito contemporâneo com os meios tecnológicos e suas mídias, mais especificamente no ambiente escolar, através de uma determinada prática teatral, a qual foi denominada de Vídeo Teatral.

Entretanto, para colaborar com o entendimento desse processo tão contemporâneo, penso que se faz necessário um breve apanhado histórico, no qual objetiva-se lembrar alguns elementos, os quais ajudaram a formar essa nova estrutura social que acontece hoje, neste mundo das várias mídias. Contudo, este relato histórico não terá apego a qualquer linha específica de pesquisa histórica, tendo em vista que são várias teorias, com distintos enfoques e que não são o foco principal deste estudo, mas será, uma mera lembrança de alguns momentos

marcantes onde as relações humanas se estabeleceram apoiadas em mudanças significativas para estarmos hoje na contemporaneidade.

Então, ao pensar no passado da humanidade temos a oportunidade de visualizar algumas características presentes nessa sociedade, as quais contribuíram para chegarmos até aqui, na contemporaneidade, rodeados de informações e tecnologia. Assim, ao refletir sobre o passado do homem constatamos o quanto somos inquietos, curiosos e, porque não dizer eternamente insatisfeitos. Essas características colaboraram para as transformações de nossa espécie. Desta forma, ao criar elementos e traçar estratégias para transformar positivamente sua estada no planeta, o homem provou ser capaz de utilizar suas faculdades intelectuais em seu próprio benefício a fim de vencer os desafios por ele encontrados.

Dentre essas transformações é possível destacar as primeiras invenções como a roda, a fundição de metais, a agricultura, o sistema monetário, o surgimento da medicina, dos transportes e posteriormente a criação das primeiras fábricas. Esses exemplos comprovam o quanto esse espírito desbravador do homem, foi importante para garantir e qualificar a sua sobrevivência.

Então, consciente de suas capacidades, o ser humano superou as adversidades naturais encontradas nos primeiros tempos e manteve acesas suas inquietações intelectuais. Assim, tais questionamentos o guiaram rumo à modernidade, pois foram eles que alimentaram o curioso homem e o lançaram novos e mais complexos desafios. Segundo SANTOS, “todos os homens desejam conhecer, porque conhecer é o modo próprio de ser humanamente no mundo” (2003, p. 22).

E assim, ao longo dos tempos, o homem procurou esclarecimentos para muitas de suas questões existenciais, que iam desde as mais prosaicas e cotidianas como aquelas que versavam sobre os fenômenos naturais até as mais profundas e complexas indagações, que tratavam da origem da vida. E, no decorrer séculos, muitas respostas surgiram para esses questionamentos. Algumas através da Fé religiosa em alguns momentos pareceu ser a única força capaz de explicar os questionamentos da humanidade. Por isso, houve um tempo em que a religiosidade

era o suficiente, ou parecia o ser, para acalmar o coração humano. Conforme SANTOS, "... a religião revela o absoluto como propriedade da alma e do coração" (2003, p. 64). Porém, em outros tempos, a resposta pareceu estar na luta pelo Poder. Nessa busca pelo poder, o homem procurou explorar aquilo que nem mesmo os olhos eram capazes de ver. Assim, muitos marujos lançaram-se 'al mare' carregados de coragem, ambição e uma bússola¹, para chegarem ao tão sonhado 'el dourado', entretanto, o que encontraram foram sociedades muito diversas das suas, as quais viviam em sistemas colaborativos, independentes do resto do mundo. Essas civilizações estavam organizadas com regras e valores muito distintos dos apregoados pelo pensamento do homem moderno de cultura européia.

Foi assim, fazendo uso de sua curiosidade que o homem descobriu novos mundos inclusive o da tecnologia. Então, ao procurar modos de facilitar a sua vida, ele acabou por inventar máquinas com sistemas de comunicação e transporte de informações cada vez mais avançados. Essas criações trouxeram consigo consequências únicas na forma de vida da humanidade, pois associado ao avanço tecnológico encontramos, também, uma nova cultura, ou seja, um novo conjunto de ações sociais, que codificam, organizam e regulam, a conduta dos que estão em contato com ela, seja como sujeitos atuantes ou apenas observadores, todos se envolvem nessa "teia" social. E essas novas tradições se fortaleceram na sociedade contemporânea, mas porque não dizer Multimídia.

Não seria demasiado afirmar que, os alicerces do que hoje chamamos de sociedade contemporânea se construiu a partir da Revolução Industrial², que ao se espalhar pelo mundo, provocou uma onda de modificações no modo de pensar, agir e organizar das diferentes sociedades de cada época. Muitas dessas mudanças se deram em função do tipo de economia pregada a partir daquele período. Desta forma, se consolida o pensamento capitalista, que fomenta o consumo de tudo que advém do fenômeno da industrialização.

¹ Instrumento de navegação mais avançado da época Moderna, o qual possibilitou o movimento de expansão pelos mares, guiando os marujos com mais segurança nas águas desconhecidas.

² Movimento iniciado em Londres na segunda metade do século XVIII, que posteriormente se espalhou por toda a Europa. E se caracterizava pelo tecnicismo, serialização, padronização e divisão do trabalho. Esse acontecimento foi um dos grandes responsáveis pela formação do sujeito consumidor, tão representativo da sociedade multimídia. Assim como, pela substituição do homem pela máquina, pois promoveu a troca da mão de obra humana (produção artesanal) pela produção em série, ou industrial, fato que contribuiu para a padronização da cultura e pela massificação do indivíduo.

E assim, a sociedade consumista, envolta numa economia baseada no acúmulo de bens materiais acabou por estimular, também, o consumo de produtos culturais, os quais são representados pelo que ficou conhecido como bens de consumo da nova Indústria Cultural³. Esse movimento foi o responsável pelo desenvolvimento do homem, pois o aproximou da tecnologia ao incentivar o seu contato com os produtos da indústria do entretenimento, como o cinema, e com os meios de comunicação de massa, como o rádio e posteriormente a televisão. Todos esses elementos foram responsáveis pelo surgimento de uma nova cultura, ou seja, por um novo conjunto de ações sociais, com novos códigos de conduta, que regulam e organizam a nossa vida em comunidade, a qual ficou conhecida por Cultura de Massa. A esse respeito ADORNO diz que “os produtos da indústria cultural tinham a função específica, de legitimar ideologicamente as sociedades capitalistas existentes e de integrar os indivíduos aos quadros da cultura de massa e da sociedade” (2003, p.44). Desta forma, ao analisarmos as características que identificam essa expressão cultural estaremos, também, refletindo sobre os elementos formadores da sociedade multimídia, a qual é a responsável por englobar e disseminar esses princípios culturais.

I. a. Os princípios da vida multimídia

Sendo assim, destacaremos alguns aspectos importantes dessa indústria cultural na atualidade, a fim de caracterizar a sociedade contemporânea, pois conforme KELLNER, “a cultura esta desempenhando um papel cada vez mais importante em todos os setores da sociedade contemporânea, com múltiplas funções em campos que vão do econômico ao social” (2003, p.29). Então, destacamos os seguintes princípios que regem essa nova comunidade multimídia: a dependência tecnológica, o consumismo exacerbado, a fugacidade das relações, o individualismo, o apreço pela cultura estrangeira e a falta de tempo inclusive para a reflexão. Esses são pontos importantes, que merecem um estudo mais aprofundado,

³ Termo criado pelos estudiosos Theodor Adorno e Max Horkheimer para identificar determinados tipos de formas culturais surgidas, com o advento da indústria do entretenimento, final do século XIX e início do XX. Destacam-se o cinema, os jornais, as revistas, o rádio e a televisão, os quais se caracterizaram pela abrangência social, provocando uma atitude passiva do consumidor, enfatizando a diversão e não a reflexão fato que provoca a alienação do indivíduo, que é visto apenas como massa consumidora.

pois é baseado neles que desenhamos nossas relações com o mundo globalizado e conduzimos nossas vidas.

Para iniciarmos essa análise, destacamos o fim da divisão dos tipos culturais, o qual segmentava a cultura superior, (onde se valoriza a arte erudita, como o balé ou um recital de piano) da inferior, também denominada como cultura de massa (aquela representada por produtos de grande abrangência como a televisão). Pois graças ao movimento da Indústria Cultural essa cisão não se adequava ao novo padrão social. Desta forma, podemos dizer que foi a Indústria Cultural a responsável pela democratização da cultura, pois rompeu barreiras e agora, chega a todas as classes sociais ou às massas.

Porém, essa modalidade cultural, trás consigo consequências importantes, entre elas está o fato de ser um mecanismo voltado à diversão e não a reflexão, o que provoca a alienação do indivíduo que está em contato permanente com ela. Como diz COELHO, “o prazer é, sempre, uma forma ao saber” (1995, p.34).

Desta maneira, identificamos um dos elementos característico da sociedade Multimídia, que se destaca pelo fato de priorizar o divertimento, e incentivar o consumo sem crítica. Fato, que conseqüentemente, nos faz produzir uma cultura perecível, feita para um público cada vez mais sem tempo de questionar o que está consumindo, o que acarreta o conformismo social. Sobre essa questão ADORNO diz que:

O homem se vê envolvido totalmente por esse processo composto de técnicas, e operações padronizadas e mecânicas, da qual ele tenta fugir durante o ócio e na procura do prazer, o que na verdade não encontra pois acaba sendo alvo de produtos absurdos, preparados e disfarçados através da arte popular, da música, ou do terror, que evitam que o espectador tenha um pensamento próprio.
(ADORNO apud COSTA *et al*, 2003, p. 09)

Esta é a cultura na qual estamos inseridos e, que chegou ao Brasil na década de 30 trazendo consigo um produto, que se tornou muito popular no país, as novelas da televisão. Essas obras dramáticas são um bom exemplo de produto da

chamada cultura inferior⁴, visto que, carregam consigo uma característica importante desse tipo cultural: não são consumidas por quem as produz. Este fator diferencia as novelas dos elementos da cultura popular, geralmente uma das fontes da cultura nacional. Entretanto, no caso específico das novelas nacionais, há um ponto positivo a ser destacado, elas reproduzem fatos da vida cotidiana, os quais retratam, de forma ficcional, a realidade brasileira, o que chega a ser uma vitória em relação a padronização defendida por essa nova cultura.

Assim, essa produção em série, que invade os países e amplia o acesso aos bens culturais provoca uma falta de reconhecimento da cultura local. A globalização dos meios de comunicação acaba por destruir o particular, o local, aquilo produzido pelo seu povo, ou seja, o produto nacional. Este acontecimento demonstra que estamos vivendo a ocidentalização dos meios culturais. Onde, o nacionalismo cultural pode ser visto como um ponto favorável na diversificação cultural e uma forma de resistência àquilo que alguns estudiosos denominam de “MacDonaldização do globo”, ou seja, o fato de grandes multinacionais espalharem-se pelo mundo levando consigo os preceitos dessa cultura global: padronizada aos modos ocidentais e embasada no sistema capitalista. Sobre esse aspecto HALL nos diz que, “a cultura global necessita da diferença para prosperar - mesmo que apenas para convertê-la em outro produto cultural para o mercado mundial” (1997, p. 19).

Desta forma, identificamos esse apreço pela cultura estrangeira, como um dos elementos que compõem a sociedade em questão, e percebemos que essa supervalorização é impulsionada pelo sistema capitalista, o qual sustenta economicamente toda essa rede social.

Então, destacamos, aqui, outro aspecto constituinte dessa teia social multimídia: o desejo de ter. Esse impulso faz do homem um ser dependente, não só da indústria atual, como também, dos meios midiáticos por ela disseminados. Voltando a HALL, “Na economia, as sedutoras formas culturais modelam a demanda dos consumidores, produzem necessidades e moldam um eu - mercadoria com

⁴ Termo utilizado para definir os tipos culturais estudados pelos teóricos da Escola de Frankfurt, onde se distinguia a cultura Superior (representada pela arte erudita) da chamada Inferior (caracterizada pelos produtos da Indústria Cultural, feitos para as massas, como o cinema e o rádio).

valores consumistas” (1997, p.09). Assim, esse intrincado sistema de incentivo aos desejos do consumidor é de fato, uma ‘grande jogada’. O impulso consumista tornou-se vital para o capitalismo contemporâneo, o qual envolve o sujeito nessa rede de necessidades ilusórias, gerando uma eterna busca pelo produto ideal. Assim, percebemos que para atingir os objetivos comerciais, a indústria das várias mídias, se apóia num traço bem característico do homem (presente em vários episódios de sua história) a insatisfação, ou seja a velha busca por algo inatingível. Desta forma, ao instigar essa sensação, o desejo de ter um produto, acaba acelerando o consumo e reduzindo o tempo para gerar questionamentos saudáveis a cerca dessa necessidade ilusória, tão difundida pelos veículos midiáticos. Conforme KELLNER, “...os indivíduos obtêm mais satisfação do consumo de bens e das atividades de lazer do que das atividades laboriosas” (2001, p.26). Esta frase nos remete, novamente, ao tipo de sujeito idealizado pelo sistema econômico atual, o indivíduo alienado. Pois como nos lembra Adorno: o inimigo da Indústria Cultural é o indivíduo pensante.

Desta feita, ao avaliar a velocidade com que um produto chega ao mercado consumidor, destacamos a importância do tempo para as relações comerciais. Entretanto, nesse processo complexo das relações na contemporaneidade, o fator temporal é muito mais relevante do que um elemento meramente econômico. Assim, avaliamos que o tempo merece o devido destaque. E, ao estudá-lo percebemos que, além de provocar a falta de reflexão acerca do consumo exacerbado, devido a sua ausência, é em busca dele que o homem se aproxima das novas tecnologias, a fim de ‘ganhar’ tempo. Logo, constatamos que esse desejo, em relação ao fator temporal, contribui para que o sujeito contemporâneo seja cada vez mais dependente da tecnologia. A respeito desse tema, muitos autores discorreram, entre os estudiosos, destaca-se TAPSCOTT, que se refere ao impacto cultural da era tecnológica na vida das crianças nascidas na era digital da seguinte forma, “desde que passaram a fazer uso da razão, estão rodeados de instrumentos eletrônicos (de videogames a relógios digitais) que configuram suas visões sobre a vida e o mundo” (TAPSCOTT apud FEIXA, 2006, p. 86). Esse é um exemplo que nos remete a essa ligação entre o homem e a tecnologia, de fato mais uma marcante característica da sociedade analisada.

E o elemento que fortalece essa situação é o contato cada vez mais intenso do homem com os meios de comunicação de massa. Esses reforçaram os laços entre o homem e a mídia. E são elos tão fortes que podemos denominar essa situação com um termo específico, passaremos a chamá-la de Cultura da Mídia. De acordo com KELLNER, “essa expressão derruba as barreiras artificiais entre os campos dos estudos de cultura, mídia e comunicação e chama a atenção para a interconexão entre cultura e meios de comunicações na constituição da cultura da mídia, desfazendo assim distinções reificadas entre ‘cultura’ e ‘comunicação” (2001, p. 52). Logo, trataremos esse fato, apenas por mídia, pois como visto não há nessa época de eliminação de fronteiras, reais e virtuais, motivos para segmentarmos essa relação tão sincrética, como é a ligação do homem com os veículos midiáticos contemporâneos. Sobre essa questão KELLNER nos diz que,

A expressão “cultura da mídia” também tem a vantagem de dizer que a nossa é uma cultura da mídia, que a mídia colonizou a cultura, que ela constitui o principal veículo de distribuição e disseminação da cultura, que os meios de comunicação de massa suplantaram os modos anteriores de cultura como o livro ou a palavra falada, que vivemos num mundo no qual a mídia domina o lazer e a cultura. Ela é, portanto, a forma dominante e o lugar da cultura nas sociedades contemporâneas. (2001, p. 54).

Sendo assim, vamos priorizar as características presentes neste elemento tão contemporâneo que é a mídia e, como visto parte integrante da cultura atual, a fim de refletir sobre as relações que se estabelecem entre o sujeito contemporâneo e os mais variados veículos midiáticos. Porém, a fim de delimitar parâmetros mais específicos para o presente estudo, destacaremos um grupo específico de sujeitos contemporâneos, alunos do ensino fundamental. Estes estudantes relataram quais eram os tipos mais populares de veículos midiáticos com os quais eles mantêm um contato mais ativo. Por isso, trataremos de um modo especial os seguintes produtos: a televisão, o cinema, a internet, o celular, a câmera digital e o rádio, para que possamos traçar uma reflexão mais próxima da realidade destes estudantes que contribuíram para este estudo.

II. b. A Cultura da Mídia

Então, para analisar a mídia, devemos encará-la como um processo político e social, que está presente no cotidiano do sujeito contemporâneo, de forma tão intensa, que para algumas pessoas ela pode ser vista como uma extensão de seu próprio ser⁵, dada a importância que tem nas relações atuais. Pois graças a ela podemos compreender o mundo, ao produzir e partilhar significados. Conforme SILVERSTONE, “não podemos escapar à mídia. Ela está presente em todos os aspectos de nossa vida cotidiana” (2005, p. 09). Por isso, a sua presença no ambiente escolar é um fato real e atual e que possibilita traçar várias teorias acerca dessa situação.

Vale ressaltar que, é por meio da mídia que configuramos as relações sociais na contemporaneidade. Pois é por ela que entramos em contato com o mundo a nossa volta, recebemos informações e as compartilhamos com pessoas de todos os cantos do globo. E também, é através dela que reduzimos as fronteiras reais e virtuais para nos aproximarmos de povos e culturas distintas. Por isso dizemos que a mídia é onipresente, diária, cotidiana. Visto que, em nosso dia a dia não há mais espaços onde ela não esteja atuando. E a escola é um dos locais onde se estabelecem várias relações entre as quais aquelas que serão avaliadas nesse estudo que tratam dos elos criados entre o fazer teatral e os meios multimídias.

E é por causa dessa abrangência dos meios de informação, que estudar as conexões entre o homem e as suas mídias se faz necessário para que possamos não só compreender o mundo a nossa volta, mas também, para que consigamos entender a nós mesmos nesse processo.

Entretanto, para buscar explicações sobre esse fenômeno chamado Mídia, não podemos seguir apenas uma determinada teoria, tendo em vista que por ser parte ativa da teia social contemporânea, seria um erro determinar uma única razão para a

⁵ Referência ao teórico Marshall McLuhan, que afirmou ser a mídia extensões do homem, próteses, as quais podem aumentar o poder e a influência, ou nos incapacitar.

sua existência. Deste modo, constatamos que a mídia é um processo mutante, no campo social, político, industrial e intelectual, que está em contato direto e constante com a sociedade contemporânea. A esse respeito ouvimos PAUL DU GAY, dizer que, "... a nova mídia eletrônica não apenas possibilita a expansão das relações sociais pelo tempo e espaço, como também aprofunda a interconexão global, anulando a distância entre as pessoas e os lugares, lançando-as em contato intenso e imediato entre si, em um 'presente' perpétuo, onde o que ocorre em um lugar pode estar ocorrendo em qualquer parte". (PAUL DU GAY apud HALL, 1997, p. 18). Aqui esse autor destaca dois elementos importantes presentes em qualquer teia social, são eles o tempo e o espaço, que se transformam em contato com a mídia, como veremos a seguir.

Sendo assim, com a inserção dos veículos midiáticos no cotidiano contemporâneo o fator tempo deixa de ser definido nas categorias conhecidas como passado, presente e futuro. Há uma transformação radical nos modos de lidar e pensar o tempo. Hoje, o que acontece em qualquer canto do globo pode ser compartilhado com milhares de pessoas, através da televisão ou da internet, em um tempo definido como real, o qual provoca essa sensação de imediatismo das relações na contemporaneidade.

Já, o elemento espaço se altera ao deixar de ser local e passando a ser virtual e global. Há, também, uma mistura no que diz respeito as definições de espaço público e privado e não devemos esquecer de destacar a nova relação entre o real e o ficcional. Assim, todas estas alterações espaço temporais confirmam a transformação que se operou no modo de nos relacionarmos com os fatores espaço e tempo. E o que temos na atualidade é um espaço multimídia, onde os fluxos são variados, ora real, ora local, pois tudo depende da interação estabelecida entre o sujeito e a forma como ele utiliza esse espaço. Para tal, basta lembrarmos das ligações que ocorrem nas redes sociais, onde tornamos o espaço global e ao mesmo tempo local, ao divulgar atos de nossas vidas privadas na internet. Ou também, quando transformamos esse espaço de real em virtual, ao interagir com programas que possibilitam viver uma vida ficcional na 'web'. Conforme SILVERSTONE, "uma vida a ser vivida *on-line*" (2005, p. 46). Nestes momentos estamos compartilhando o nosso individualismo, fator característico destes tempos,

pois ao se aproximar desses meios eletrônicos o homem acaba por se afastar do contato presencial com outras pessoas. Desta forma, percebemos uma tendência em substituir o contato humano das relações e priorizar os vínculos entre o homem e as máquinas. A esse respeito HALL diz que, “nossa participação na chamada ‘comunidade’ da internet é sustentada pela promessa de que nos possibilite em breve assumirmos ciberidentidades - substituindo a necessidade de algo tão complicado e fisicamente constrangedor como é a interação real” (1997, p. 23).

E é assim, inseridos neste universo que os sujeitos contemporâneos estabelecem variadas relações com as mídias eletrônicas. Elas funcionam ora como mecanismos de lazer e diversão, ora como fonte de informações e conhecimentos, mas em outros momentos servem como veículos comerciais. E não podemos deixar de enfatizar os laços sociais que se configuram através desse universo multimídia e são inspiração para vários estudos a esse respeito, assim como o presente texto.

Então, por estar presente, em nosso dia a dia, como diz SILVERSTONE, “a mídia é do cotidiano e ao mesmo tempo uma alternativa a ele” (2005, p. 25). Pois ela serve, como visto, de ferramenta para as atividades laboriosas, mas também é por meio dela que o indivíduo contemporâneo encontra alternativas de lazer, a fim de ‘sair da rotina’. Por isso, penso que se faz necessária uma análise do modo como essa presença se dá na vida do homem contemporâneo, aqui, incluo os alunos participantes desse estudo, pois, ao navegar pela internet, ou ao assistir televisão eles entram em contato com esse meio das várias mídias, o qual tem forte participação na formação e regulação do nosso senso comum. E, é este ponto que merece um olhar mais apurado, visto que é através do senso comum, que segundo SILVERSTONE “nos tornamos aptos a partilhar nossas vidas uns com os outros e distingui-las uma das outras” (2005, p. 21) através dos nossos gostos, valores, atitudes, conceitos e pre conceitos. E é neste ponto que a mídia opera sobre ele, reproduzindo, valores a ser seguidos, explorando atitudes, influenciando certos conceitos e distorcendo a realidade a fim de manter-se atuante na vida das pessoas. Assim, o medo da diferença faz com que as pessoas reproduzam aqueles ideais difundidos pelos veículos midiáticos, mesmo que sejam ideias preconceituosas e diferentes do que realmente sintam. Desta forma, as pessoas acabam cedendo a pressão da mídia, em função desse sentimento e para não se destacar na grande

massa social, para não ser diferente. E essa realidade não está somente nos ideais defendidos pelas grandes multinacionais com fins comerciais, ou pelos veículos ligados ao governo de certos países, não essa ideia está, também, na sala de aula, onde se formam os futuros cidadãos e que vão reproduzir, mais adiante, tudo o que assimilarem hoje por meio das aulas, dos contatos com seus parentes, mas também e sem dúvida, com os vínculos que eles tem com as mídias atuais.

Então, mesmo sabendo que existe diferença entre compreender e acreditar em algo, bem como em deixar-se levar por intermédio dos valores apregoados pela mídia, ou seja, agir por influência desse meio, é sabido que as respostas em relação ao contato com as mídias variam de acordo com cada indivíduo, pois como lembra SILVERSTONE “nossas experiências dos espaços midiáticos são particulares” (2005, p. 24). Desta forma, penso que é função do professor orientar seus alunos e propor debates sobre essa relação vivenciada pelos sujeitos contemporâneos com suas mídias, a fim de esclarecer possíveis equívocos, corrigir determinadas atitudes e estimular certos valores, que por ventura estejam um pouco distorcidos em função do modo como cada aluno absorve as informações que recebem por intermédio da mídia.

Dentre os produtos da mídia que mais se destaca nesse ambiente escolar está a televisão, que é um grande veículo de comunicação em massa, o qual merecerá um detalhamento mais aprofundado como veremos no próximo capítulo desta pesquisa.

III. As mídias vão à escola

Como vimos no capítulo anterior à presença das mídias contemporâneas na rotina das pessoas é um fato real e do qual não podemos ‘escapar’. Como nos lembra SILVERSTONE, “a mídia é, se nada mais, cotidiana, uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática, para outro” (2005, p.20). Desta maneira, não será surpresa se identificarmos a sua atuação no ambiente escolar, tendo em vista que esse é um espaço para trocas de múltiplas experiências, sobretudo por aquelas estimuladas pela nossa abrangente mídia.

Sendo assim, constatamos que esta ação pode ocorrer pelo menos de duas maneiras, ou por via direta, com o incentivo da instituição escolar, ou por via indireta, através daqueles indivíduos, os quais frequentam esse espaço, neste caso daremos ênfase para o grupo dos alunos. Assim, o primeiro caminho é aquele no qual a escola é a responsável por incentivar o contato desses sujeitos com os veículos em questão, pois preocupada em estar atualizada e integrada a essa nossa realidade, as escolas oferecem laboratórios de informática, onde disponibilizam para os alunos, o acesso à Internet, ou ainda montam auditórios equipados com televisores e, em alguns casos, com antenas para recepção de sinal dos canais pagos. Já, na segunda situação, são os alunos que introduzem essas mídias no ambiente. Eles estabelecem relações com vários produtos de caráter midiático, quando ouvem música e ‘navegam’ na Internet, ou quando assistem TV em seus celulares. Nestes casos os estudantes estão explorando o espaço que agora é multimídia, utilizando o tempo que se apresenta, como simultâneo. Isso sem falar, nas revistas que muitos lêem, inclusive durante as aulas, ou quando conseguem burlar os bloqueios e acessar os sites de relacionamentos, estes geralmente proibidos nos laboratórios de informática das escolas. Todavia, de uma forma ou de outra os produtos midiáticos circulam pelo ambiente em questão, o qual é o responsável não só, pela formação intelectual dos seus frequentadores, como também, pela sua inclusão na sociedade, visando instruí-los para os desafios da vida adulta.

Por isso estudar os vínculos que se estabelecem entre os estudantes e as mídias é, sem exageros, determinante para que possamos entender melhor essas pessoas, que convivem conosco, em alguns casos, por vários anos. Assim, compreender de que forma eles interagem com esses produtos representativos da sociedade atual, se faz necessário para que possamos estabelecer uma convivência mais produtiva e verdadeira com esses sujeitos. Pois conforme KENSKI, “alunos e professores são pessoas e estão imersos nos mesmos efeitos da sociedade tecnológica, independente da situação da escola. Portanto, embora a escola aparentemente os afaste e os coloque, inclusive, em posições antagônicas, o “ser pessoa” na atual sociedade os reúne, fazendo com que sejam submetidos às mesmas influências” (1994, p.11).

Deste modo, verificamos que mesmo sendo todos nós parte integrante dessa grande teia multimídia, por vezes a escola é capaz de diferenciar os indivíduos que transitam por seus espaços. Ela opera separações hierárquicas entre alunos e professores, por exemplo, a fim de determinar regras, costumes, padrões morais e, inclusive enfatizar por qual via se dará o conhecimento. Então, para esclarecermos essa situação, creio que se faz necessário definir algumas funções da escola, porém, levando-se em conta que esse é um campo amplo, no qual vários teóricos apontam caminhos distintos, por vezes antagônicos sobre essa instituição. Entretanto, avaliamos que as funções da escola não se limitam a transmissão de conhecimentos científicos, tão pouco a regular e ditar normas de condutas sociais. Essas atribuições passam a ser secundárias se olharmos para ela por outra ótica, ou seja, se priorizarmos o caráter socializante, que essa instituição pode proporcionar. A esse respeito DELVAL lembra que, “a escola é um lugar que torna possível que as crianças encontrem com outras e interajam entre si” (2001, p.86). Todavia, devemos ampliar um pouco essa esfera e incluímos nela, os jovens, pois eles, também, participam e interagem nesse ambiente, não só entre si, mas também, com as mídias contemporâneas, as quais certamente colaboram para a socialização entre eles.

Então, a fim de aprofundarmos os estudos sobre essas relações que estão ocorrendo na escola, e tem como agentes os alunos (crianças e jovens), iniciaremos essa investigação pela seleção dos produtos midiáticos mais frequentes entre estes

estudantes. Logo, para traçar tal definição tomo por base as respostas dos alunos colaboradores neste estudo, assim, de acordo com eles os seguintes produtos a televisão, o celular, a internet, o rádio, a câmera digital, os jornais e revistas, e por fim, o cinema são os mais comuns em suas rotinas.

Nesta seleção identificamos traços característicos da cultura de massa que atua no país, e mesmo sendo ela um produto global, há certas peculiaridades, as quais, destacaremos a seguir. No Brasil, certos elementos, representativos desse modo cultural, massificado, não tem o mesmo impacto e a mesma penetração quanto tem em outros países, é o caso do cinema, do livro e do teatro. Pois, aqui não são consumidos pela grande fatia da população, mesmo sendo produtos de grande divulgação de ideias, eles não carregam esse rótulo no Brasil.

E muito disso se dá por uma questão cultural, a qual considera o livro algo para a elite letrada, se pensarmos no grande número de analfabetos que o país, ainda, tem essa ideia não está de todo errada. Já, o cinema e o teatro enfrentam outras dificuldades para chegarem às massas brasileiras, entre elas está o valor dos ingressos, o qual não é nada popular por aqui. Outro ponto a se pensar é o nosso extenso território, o que acaba provocando um déficit em relação ao número e o local (das poucas) salas de cinema e de teatros, fato que dificulta o acesso a esses meios. Porém, não seria exagero afirmar que o maior empecilho para a inserção desses meios no cotidiano do brasileiro está no fato de que há, outro produto da cultura de massa mais apreciado em nossa sociedade – a televisão. Ela conseguiu se estabelecer, criando um espaço importante dentro da cultura nacional, pois incorporou as linguagens do cinema e do teatro, conseguindo, em certa medida, suprir essa carência da população.

Assim, a própria televisão transformou-se, em muitos casos na única, alternativa de lazer dos brasileiros. Como nos lembra FERRÉS, “a televisão é espetáculo, por um lado, porque seleciona aquela porção da realidade que melhor responde às exigências espetaculares, por outro porque impõe um tratamento espetacular a qualquer realidade da qual ela se aproxima” (1996, p. 31). Então, devido a sua importância para a sociedade brasileira, que vários são os estudos sobre ela.

Entretanto, o nosso maior interesse neste produto midiático está no fato de que foi a partir dele que criamos o processo teatral denominado por Vídeo Teatral, o qual será detalhadamente examinado no próximo capítulo deste texto. Mas, antes vamos aprofundar as relações entre a TV e os alunos.

III.a. A Tv uma parceira na educação

Como vimos esse veículo da cultura das massas é um elemento ímpar no cotidiano do brasileiro, que utiliza a TV não só como forma de divertimento e lazer, mas também, como parte ativa das atividades políticas e sociais. Por isso, nos últimos anos sua presença aumentou consideravelmente, chegando a quase cem por cento dos lares nacionais. E, nas casas, onde, a TV, ainda, não chegou, certamente, as razões são outras das que se referem a condição financeira. Entre elas destaca-se o fato de que em alguns locais não se têm rede elétrica instalada, ou por questões religiosas, onde determinadas crenças proíbem o contato com o veículo. Entretanto, esses casos são uma minoria da população nacional, pois na grande parte dos lares o que temos é mais de um aparelho televisor.

E esta situação provocou, nos últimos anos, uma mudança no modo como se vê TV. Assim, aquelas reuniões da família em volta do televisor, que ocorriam nas primeiras décadas da sua chegada ao país, quase desapareceram. Atualmente, é cada vez maior o número de residências que tem mais de um aparelho ligado simultaneamente, às vezes, sintonizando o mesmo canal⁶. Este fato demonstra que as pessoas estão fazendo do ato de assistir a TV, seja num aparelho de LCD, numa pequena catorze polegadas, ou numa telinha do celular, um hábito a cada dia mais solitário. E essa atitude tende a deixar os sujeitos mais suscetíveis às mensagens transmitidas por esse veículo. Sendo assim, a TV merece uma atenção especial quando se estuda os vínculos gerados pela mídia com as pessoas. Conforme FISCHER “fazer da TV um objeto de estudo é dar conta de uma linguagem

⁶ Existem pesquisas diárias, sobre essa situação, onde o percentual de televisores ligados no mesmo canal, o ‘shared’ é avaliado pelas emissoras, a fim de estudar o seu público e manter a sua audiência.

específica e, simultaneamente, mergulhar na cultura, nas lutas pela imposição de sentidos, nos modos de construir sujeitos em nosso tempo” (2001, p. 83).

Assim, conscientes de que a televisão é muito mais do que um simples eletrodoméstico, o qual ocupa um lugar de destaque nos lares contemporâneos, principalmente, no dos brasileiros, é relevante destacar que sua função como veículo de comunicação de massas vai muito além do fato de ser, uma alternativa de lazer para a população. Ela, também, atua de modo substancial no que diz respeito à distribuição de informações.

Desta forma, a televisão tem um papel importante como fonte, muitas vezes única, de conhecimento e informação. Pois é por meio dela que milhares de pessoas se ‘conectam’ com o mundo e se informam do que se passa ‘lá fora’. Sobre esse tema FERRÉS nos diz que, “é cada vez maior o número de espectadores que transformam a televisão em fonte quase exclusiva de conhecimento da realidade. A informação de televisão converte-se, assim, em instrumento de poder” (1996, p. 58). Para tal, basta lembrarmos que estamos nos relacionado com um produto feito para provocar a alienação, o conformismo e aumentar os lucros das emissoras. Sendo assim, devemos nos preocupar não só com o tipo de notícia que chega até nós, mas também com o modo como essas informações nos são passadas.

Então, por se tratar de um meio de comunicação de grande abrangência, a televisão, utiliza uma linguagem mais simplificada, facilitada para que todos possam ter acesso a ela. Fato que acaba generalizando as informações, ao ponto de adultos e crianças assistirem a mesma programação, já que a única forma de censura se dá um instante antes do programa entrar no ar, quando aparece na tela o ícone indicativo da faixa etária sugerida para o próximo programa. Porém, isto não é o suficiente para impedir que os pequenos olhem produtos inadequados para sua idade. Aqui se faz necessária a presença de um adulto que os retire do ambiente onde está o aparelho de TV a fim de evitar esse contato inadequado, mas esse fato nem sempre acontece. Pois, em muitos casos, a televisão exerce a função de babá das crianças, as quais ficam ali de frente a tela quietas enquanto os pais desenvolvem outras atividades. Logo, notamos o quanto a TV participa na educação das crianças e jovens, os quais mergulham nesse espaço de imagens e sons, ora

por vontade própria, ora por incentivo de algum adulto. Entretanto, nos dois casos o que se tem é mais audiência, fonte dos rendimentos, as operadoras de televisão.

E em busca deste objetivo, a TV utiliza o informe visual, valoriza a imagem e transmite uma visão fragmentada da realidade, ou seja, muita imagem e pouco conteúdo, situação que provoca a falta de reflexão de quem utiliza, apenas, esse veículo como fonte de conhecimento. Todavia, essa tática conforta os espectadores, os quais se sentem informados sobre diversos assuntos em um curto período de tempo, o que lhes dá a falsa impressão de estar participando da coletividade nacional.

Contudo, é preciso ter consciência de que esse veículo pode sim, ser um meio para a aquisição de conhecimentos, mas também, não deixa de ser um elemento comercial. E assim, ao que tudo indica a TV, também, preza pela sua audiência, fator que gera os lucros das emissoras. Como nos lembra FERRÉS, “tudo na televisão incita o consumo, porque a televisão é reflexo e sustentação de uma sociedade que vive para o consumo” (1996, p. 27). Desta forma, na ânsia por manter-se no topo muitos canais televisivos se valem de certos meios para alcançar este objetivo. Dentre eles, está o fato de criarem certas notícias, aumentando determinadas situações e explorando outros tantos acontecimentos, muitas vezes locais, os quais dizem respeito apenas, a algumas comunidades, mas eles supervalorizam essas notícias. Assim, a notícia vira uma mercadoria. E, além disso, é importante ressaltar que, as propagandas que passam nos intervalos da programação são outra forma de incentivar o consumo dos espectadores, os quais muitas vezes se deixam levar pelos anúncios televisivos e compram aquilo mostrado na TV, mesmo sem ter a menor necessidade. Sobre essa questão FERRÉS fala que “a televisão é uma poderosa arma de conscientização e sensibilização” (1996, p.60).

Por isso, estar ciente do modo como esse sistema opera, é uma maneira de não permitir que ele interfira tanto em nosso cotidiano a ponto de influenciar o nosso senso comum. Pois, como é sabido, é através da mídia que se constrói e se molda o gosto coletivo, e sendo a TV um dos produtos midiáticos mais populares não é surpresa que ela seja uma grande geradora e disseminadora de conceitos. Sobre

esse tema FERRÉS nos lembra que, “por intermédio dos mecanismos de identificação e projeção facilita-se a indução de condutas e valores” (1996, p. 73).

Dentre os elementos indutivos a televisão se vale dos chamados mitos sociais, ou seja, a mídia televisiva explora a vida e a conduta de atores, músicos, esportistas, os quais, por via indireta acabam incentivando determinadas atitudes dos espectadores⁷. Esta situação é muito comum, basta, lembrarmos da quantidade de adolescentes, que desenvolvem distúrbios alimentares como a anorexia e a bulimia, na tentativa de seguir os padrões estéticos difundidos pela TV, ou no caso dos meninos, os quais sonhando em se tornarem grandes jogadores de futebol, ingressam (mesmo sem ter o menor ‘talento’) em escolinhas de futebol espalhadas por todo o Brasil. A esse respeito FERRÉS fala que, “o poder da televisão como instrumento de penetração cultural baseia-se em grande parte na sua capacidade para a criação e potencialização de estereótipos sociais” (1996, p.62). Esse é um ponto muito importante e que deve ser discutido em sala de aula, a fim de esclarecer os alunos, a respeito destes equívocos que eles possam estar vivenciando. Pois, como já percebido, a TV participa da formação dos valores dos sujeitos contemporâneos do mesmo modo que outras instituições, como a Família, a Escola e a Igreja, as quais outrora eram as únicas formas de moldar os cidadãos. Sendo assim, podemos dizer que hoje vale mais a informação que passa pela televisão e por isso, estudá-la como um objeto social, o qual está participando da educação dos nossos alunos é muito importante. Sobre essa questão MAGALDI nos diz que,

a formação para a cidadania não pode mais dispensar uma consistente educação para as mídias, em especial, para a mídia televisiva. Como formador de comportamento e opiniões, a TV exerce um poder sem precedentes. Não cabe negar esse fato, nem abordá-lo emocionalmente. Cabe, sim, educar para uma compreensão objetiva e crítica da linguagem e das mensagens da TV, para a identificação de como ela funciona enquanto mídia comercial, de como ela interage com as realidades sócio-culturais e políticas no mundo, mas de modo especial no Brasil (MAGALDI apud FISCHER, 2001, p. 115).

⁷ Através dos mitos sociais podem ser desenvolvidas as seguintes atitudes: Identificação, que é quando o espectador assume emocionalmente o personagem, ou seja, quer ser o mito em evidência na mídia e projeção, é quando o espectador se identifica com o personagem, ou seja, segue o que o mito social prega através dos veículos midiáticos.

Portanto, destacaremos, também, os fatores positivos deste contato com a TV, estudaremos sua linguagem, sua técnica e suas mensagens, o que nos possibilitará uma análise mais ampla, sem firmar conclusões unilaterais, priorizando uma reflexão mais justa sobre esse veículo.

Assim, a respeito da técnica notamos que olhar humano reage através dos movimentos e a TV se vale dessa condição, proporcionando estímulos rápidos nos campos sonoro e visual, através da movimentação de pessoas, objetos, ângulos, e também, pela troca de cenários, e da movimentação de câmeras. Assim, há um incentivo no que diz respeito ao campo visual dos espectadores. E, para manter esse ritmo, criou-se o movimento de 'zapping', aquela troca constante de canais, a qual pode ser avaliada como algo positivo. Pois, essa variação na programação, provoca sim uma segmentação da informação, uma vez que o espectador recebe apenas uma parte da notícia, contudo ela também oferece mais liberdade de escolha ao usuário. Fato que gera mais autonomia do sujeito que está em contato com a TV, desta forma, ele deixa de ser tão passivo e pode decidir o que irá assistir. Por isso, o 'zapping' pode ser considerado uma reação favorável perante esse meio unidirecional que é a televisão. Então, através desse movimento, por vezes frenético de trocar de canal, acaba-se desenvolvendo um raciocínio mais rápido, nesse caos que é a programação televisiva. Este é outro item a ser estudado, na medida que, é por meio dessa caótica programação, a qual transmite uma propaganda alegre no intervalo de um informativo sobre tristes acidentes e mortes, que desenvolvemos a capacidade de assimilar ou de nos relacionarmos com múltiplas informações e acontecimentos quase de maneira simultânea dos fatos que realmente nos interessam, sem falar na possibilidade de explorarmos o pensamento associativo, ao tentarmos montar elos entre informações tão diversas. Sobre essa questão MAGALDI nos lembra que, "a leitura audiovisual mais qualificada expande a capacidade de compreender, distinguindo e ao mesmo tempo integrando conteúdos e formas. Apura a percepção visual e auditiva, permitindo identificar e apreciar a composição imagem/ som/ texto, que é a própria essência dessa linguagem e a fonte de sua atração" (MAGALDI apud FISCHER, 2001, p.117).

E mesmo sabendo que o nosso olhar não está apto a captar tudo de uma única vez, podemos desenvolver uma visão crítica e mais consciente dos fatos se os

olharmos várias vezes de formas diferentes. Essa opção, também, é válida possível na relação com a programação da TV. Assim, incentivamos o estudo da linguagem televisiva, nos seus amplos segmentos como nos diz FISCHER, “as imagens audiovisuais da tevê são construídas com uma série de elementos de diferentes linguagens: basicamente, as linguagens oral, escrita, icônica, plástica, gráfica, digital, sonora, musical” (2001, p. 68). E ao visualizá-las por ângulos diferentes podemos ampliar a nossa ‘visão’ do mundo. Deste modo, estaremos estudando a televisão de uma forma prazerosa e divertida, situação que pode ser incorporada à sala de aula, fato que aumentará a motivação não só dos alunos, mas também dos professores. Pois todos estarão vivendo a experiência de aprender através de um veículo tido, por muitos, como vazio e alienante. Desta forma, tendo em vista o destaque que esse meio tem na sociedade brasileira tido como aliado na educação de nossos alunos é, sem dúvida uma grande sacada, pois como nos lembra FERRÉS, “numa sociedade dominada pelos meios audiovisuais de comunicação de massa, devem ser considerados analfabetos funcionais os milhões de cidadãos incapazes de interpretar de forma crítica e reflexiva as mensagens mais ou menos inadvertidas transmitidas por esses meios” (1996, p. 76). Todavia, devemos incluir nesta nova prática educacional não só a TV, mas também outros produtos tidos como massificados, como o telefone celular, a internet, o rádio, os jornais e revistas e, ainda, o cinema (mesmo que este produto não se enquadre, aqui no Brasil, nessa classificação, como vimos anteriormente, mas faz parte do cotidiano dos alunos estudados) os quais podem contribuir positivamente para uma aula mais humana, e mais próxima da realidade dos alunos, mesmo que por meios virtuais.

III.b. Educando em parceria com as mídias

Como vimos, as mídias eletrônicas entraram na escola e, se instalaram de modo definitivo, nas nossas salas de aula. Desta forma, a fim de refletir sobre esse novo modo de viver a educação na contemporaneidade, ou seja, de utilizar as mídias no cotidiano escolar dos alunos, precisamos, antes, lembrar o que KENSKI diz, “o professor era a principal fonte de onde emanava todo o conhecimento que as novas gerações precisavam adquirir para viver bem socialmente” (1994, p. 07).

Porém, atualmente, essa situação não é mais assim, e a aprendizagem se dá de forma interdisciplinar. Por isso, devemos, além da TV, pensar mais detalhadamente nos outros produtos midiáticos, os quais, também, são colaboradores nesse novo processo.

Assim, utilizar o computador e a internet como parceiros no dia a dia em sala de aula pode ser muito produtivo. Pois vale lembrar o que FEIXA disse, “navegar na rede é uma tarefa para a qual os adolescentes dedicam boa parte de seu tempo livre” (2001, p. 89). E cientes deste fato será muito acertado se nós, enquanto professores, proporcionarmos atividades, nas quais os alunos possam (como se diz popularmente) ‘unir o útil ao agradável’, ou seja, tarefas nas quais os estudantes, por meio do computador e da internet aprendam um determinado conteúdo. Entretanto, elaborar pesquisas para que os alunos realizem em seu tempo livre não parece ser o método mais acertado para incluir esse veículo no cotidiano escolar. Pois, não seria exagero dizer que essa metodologia iria, apenas, substituir o livro e a biblioteca pelo computador e a internet, sem provocar desafios aos alunos, ao contrário podendo gerar uma ideia equivocada a respeito das aulas apoiadas nas mídias, tendo em vista que pouco será estimulado e aproveitado com essa metodologia, tão técnica. Estaremos deixando de explorar as múltiplas possibilidades que o veículo nos proporciona. Desta maneira, pensando em uma parceria mais produtiva com a internet podemos lembrar o que mais interessa os jovens quando utilizam esse elemento midiático. Dentre as atividades desenvolvidas na internet, destaca-se a comunicação virtual, as paqueras e bate papos, os quais ocorrem por meio das páginas de relacionamento e dos chats. Os adolescentes, também, utilizam a rede como meio para jogar os mais variados games disponíveis na web (lembramos que essa atividade, também, é muito realizada por adultos jovens), e finalizando, os outros usos muito comuns entre os jovens são os hábitos de ouvir músicas, assistir a filmes e vídeos e ler revistas on-line. Desta forma, penso que elaborar atividades (independente da disciplina), as quais se desenvolvam nesses campos possam se tornar mais atrativas para os alunos, pois estaremos nos valendo de seus interesses para realizar a aula. Assim, a possibilidade de que os alunos se envolvam de forma positiva será muito maior, basta lembrarmos o que disse KENSKI sobre os alunos atualmente, “esses alunos estão acostumados a aprender através dos sons, das cores; através das imagens congeladas das fotografias ou em movimento, nos filmes

e programas televisivos. Aprendem através de processos em que existem interações totais entre o racional e o afetivo” (1994, p.10).

Deste modo, percebemos que essa relação com a tecnologia e suas mídias é algo totalmente natural para nossos alunos, os quais são a primeira geração de crianças e jovens nascidos e educados numa sociedade digital, por isso, para alguns estudiosos, eles são identificados como ‘geração arroba’⁸. Por essa razão, eles se relacionam com as mídias de forma completamente diferente do modo como faziam as gerações anteriores, onde o vínculo com os produtos midiáticos era um sinal de status social. Hoje em dia, essa condição não funciona mais, pois para nossos jovens os elementos da mídia nada mais são do que instrumentos de primeira necessidade para uma vida integrada à sociedade multimídia.

Assim, destacamos outro produto representativo das mídias eletrônicas, o telefone celular, o qual participa ativamente da rotina dos alunos e pode ser um aliado nas aulas. Pois, conforme FEIXA, “a indústria de telefones celulares captou a forma como a juventude utiliza o celular e passou a fomentá-la” (2001, p. 94). E, essa atitude não é surpresa, tendo em vista se tratar de um produto comercial, o qual necessita de um público consumidor, quanto mais opções e modelos melhor para a indústria de telefonia móvel. Então, através da popularização deste aparelho, foi possível transformar a relação existente entre os indivíduos e seus telefones. Logo, da mesma forma como o ocorrido com a TV, o telefone, também, passou por uma mudança no que diz respeito ao modo como as pessoas se relacionam com ele. Assim, o velho telefone fixo instalado na sala da residência, tornou-se um acessório decorativo. Inclusive, muitas famílias atualmente, optaram por desativá-lo devido a sua inutilidade comparado ao aparelho celular. Este, por ser móvel facilita a comunicação, mas pode causar transtornos, em diversos espaços públicos, inclusive, na sala de aula. Contudo, dificilmente um pai proíbe seu filho de levar o celular para o ambiente escolar. Muitos deles alegam que o aparelho é uma medida de segurança diante da violência urbana, com a qual estamos diariamente convivendo. Assim o telefone celular serve como uma forma de tranquilizar aos pais quanto o paradeiros de seus filhos. Já, os jovens, se valem desse apoio familiar e

⁸ Uma alusão ao símbolo @ (arroba) que é utilizado nos endereços virtuais

fazem uso do celular na escola, como forma de resistir às regras, mesmo cientes de que existem regras tanto internas, quanto externas⁹, as quais regulam o uso deste tipo de aparelho. Essa relação transparece na resposta de um dos alunos entrevistados, nesta pesquisa, que me disse “é importante, porque podendo ou não tão sempre mexendo igual” (M. 13 anos, aluno da 7º série) quando lhe questionei a respeito da importância desse aparelho nas nossas aulas. Logo, diante dessa situação, penso que o melhor a fazer é aproveitar o interesse dos alunos por esse aparelho multimídia e incluí-lo nas aulas, sempre que possível. E para tal, é necessário explorarmos todas as possibilidades que ele nos dá, pois, esse aparelho, é muito mais que um telefone, o qual serve, apenas, para realizar e receber ligações. Essa era a função dos primeiros celulares apelidados de ‘tijolões’ uma alusão ao seu tamanho exagerado se comparado com os modelos ultrapequenos e cheios de funções que temos hoje. E, são esses celulares multimídias, os quais podem enriquecer uma aula, independente de qual seja o conteúdo a ser desenvolvido, pois eles podem gravar vídeos, tirar fotos, acessar a internet a fim de realizar pesquisas, transmitir programas de TV, tocar músicas e sintonizar estações de rádio, ou seja, nos oferece inúmeras possibilidades para uma aula mais dinâmica e interessante. Pois como diz KENSKI, “as novas gerações tem um comportamento totalmente favorável e adaptativo às novas tecnologias de informação e de comunicação e um posicionamento cada vez mais aversivo às formas tradicionais de ensino (...) existe sim um interesse pleno, mas por outro tipo de aprendizagem” (1994, p.10). Contudo, nesse novo processo educacional, o uso desses aparelhos midiáticos devem ser negociados com os alunos para que não se dispersem do objetivo maior da aula, que é aprender um novo conteúdo.

Então, valendo-se de combinações com os alunos é possível utilizar, também, outro produto midiático, o rádio, o qual pode agregar à aula, uma trilha sonora, ou servir de alternativa para aqueles minutos, nos quais os alunos sentem necessidade de relaxar antes de ‘mergulharem’ num outro assunto, num outro exercício, ou num outro período de aula. Assim, estaremos proporcionando aos estudantes uma aula menos tradicional, através do contato com esse meio de

⁹ No RS temos uma lei, nº 12.884/2008, a qual proíbe o uso de aparelhos celulares nos estabelecimentos de ensino, mas como já era previsto, mesmo antes de sua efetiva regulamentação, ela pouco é respeitada.

comunicação, o qual foi um dos primeiros veículos representativos da cultura de massas, junto com aquele conhecido como sétima arte, o cinema. Ambos, na visão Adorniana, são classificados como mercadorias criadas para alienação das massas e por isso não deveriam ser identificados como arte. Como nos explica COSTA, “O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte” (COSTA *et al.* 2003, p. 02). Porém, desconsiderar seu valor artístico é, no mínimo, inconsequente, pois vários são os estudos sobre o cinema, os quais incidem por essa ótica.

Entretanto, se avaliarmos o que ADORNO nos diz a respeito desse veículo e direcionarmos sua fala, apenas, para um determinado tipo de filme essa teoria não seria tão radical assim. Pois segundo este autor “a tecnologia da montagem e do efeito e o realismo exagerado faz com que o cinema ande muito rápido para permitir a reflexão de seu espectador” (ADORNO apud COSTA *et al.*, 2003, p. 05). O tipo de filme, que caberia perfeitamente dentro dessa teoria, são aqueles denominados pela indústria cinematográfica por ‘blockbuster’, estes se encontram no rol dos preferidos entre os jovens contemporâneos, ou seja, são fitas de ação, repletas de movimentos frenéticos de câmeras e recheadas de efeitos especiais em 3D, mas desprovidas de um enredo consistente, com uma dramaturgia deficiente e conteúdos (na maioria dos casos) que incitam atitudes preconceituosas e violentas. Assim, essas, provavelmente, não sejam as películas mais indicadas para o uso em sala de aula.

Contudo, os vídeos educativos, por experiência própria, também, não o são os ideais para atrair a atenção dos alunos. Pois, esses recursos, muitas vezes comercializados no ambiente escolar, ou distribuídos por órgãos do governo, chegam à escola como uma alternativa de integrar a linguagem audiovisual ao cotidiano escolar, mas conforme KENSKI, “o tom impessoal do narrador, as imagens distantes que apresentam (algumas vezes reproduzindo o mesmo ambiente escolar de sala de aula) não envolvem seus jovens (...) o filme educativo, em geral documentário, é muitas vezes menos eficaz que uma boa aula expositiva” (1994, p.12). Todavia, essa não seria a alternativa mais acertada, caso queiramos realizar uma aula mais dinâmica em parceria com o cinema. Assim, segundo FISCHER, “a indústria cinematográfica tem registrado inúmeros produtos, em que de alguma forma os refletores literalmente fazem incidir luz sobre feridas sociais” (2008, p. 197).

Então, se pesquisarmos nas locadoras e revistas especializadas em lançamentos cinematográficos, ou mesmo na internet, podemos encontrar, fitas onde se abordam as mencionadas 'feridas sociais', mote para boas discussões e reflexões, inclusive em filmes de ação, os quais são tão apreciados pelos alunos.

Entretanto, devemos estar cientes de que o uso do recurso audiovisual no processo de aprendizagem escolar, seja um filme exibido no auditório da própria escola, seja um passeio ao cinema, não deve servir apenas, para promover a integração entre os alunos, ou para transformar aquele período de aula num momento divertido, que tende a provocar a simpatia os alunos. Ou ainda, para evitar o desgaste do professor, o qual utiliza todo o período da aula para passar o filme, e se 'esquece' de mediar discussões sobre os assuntos abordados na película, ou seja, ele não dá aula. Como nos lembra FISCHER, "a presença de equipamentos em grande parte das redes públicas não significa que eles estejam sendo usados com proveito" (2001, p.112). Esses casos, infelizmente, são muito comuns, nas escolas brasileiras, e as motivações são muitas, as quais vão desde a insatisfação financeira, provocada pelos baixos salários dos profissionais da educação básica, passando pelo grande número de turmas que um professor atende ao longo de um dia de trabalho e, chegando ao despreparo desse profissional. Contudo, essa questão só ela já, seria motivo para um estudo mais detalhado, o qual não faz parte de nossos objetivos no momento. Todavia, essas atitudes ajudam a fomentar o imaginário dos alunos e pais acerca desse veículo midiático. Esses costumam reclamar na direção das escolas, que o professor não dá aula, pois, ele, apenas, passa filme para os estudantes. E, assim essas atitudes contribuem para se formar um conceito negativo sobre a utilização deste recurso (audiovisual) na escola. Deste modo, noto que se faz necessária a instrução desses profissionais, para que eles aprendam mais sobre as infinitas possibilidades, as quais o cinema pode lhes proporcionar, quando utilizado, conscientemente na escola. Pois como diz KENSKI, "somos analfabetos para a leitura das imagens, dos sons. Queremos e valorizamos apenas um segmento do conhecimento: aquele que vem através da palavra oral ou, mais ainda, escrita" (1994, p. 08). Por isso, quando incentivarmos a inclusão das mídias contemporâneas, no cotidiano escolar, estamos também buscando uma nova forma de se adquirir conhecimento e, essa aquisição não se restringirá, apenas, ao

grupo de alunos, mas também, aos professores. De acordo com XAVIER “quando percebo, não imagino o mundo: ele se organiza diante de mim” (MERLEAU- PONTY apud XAVIER, 2003, p.107). E assim, visualizando as múltiplas possibilidades que o cinema nos dá, podemos treinar melhor o nosso olhar a fim de aproveitar melhor esse recurso. E cientes do que diz XAVIER, “o olhar fabricado é constante oferta de pontos de vista” (XAVIER apud FISCHER, 2008, p.195) nos transformamos em sujeitos mais críticos enquanto estivermos no papel de espectadores de cinema.

Entretanto essa não é a única oportunidade que o treinamento do olhar nos permite. Pois, através da aquisição de novos conhecimentos audiovisuais, podemos nos tornar produtores. Essa situação que se faz viável se introduzirmos na rotina da sala de aula outro produto representativo da sociedade multimídia, a câmera digital.

Esse aparelho é muito comum entre os alunos, pois é de fácil manuseio, além de ter um custo de manutenção bem acessível. Fato bem diferente das antigas máquinas fotográficas, as quais necessitavam de um rolo de filme para registrar as imagens, ou das primeiras filmadoras portáteis, essas eram artigos de luxo e para poucos. Contudo, as atuais câmeras digitais, além de economicamente mais acessíveis, funcionam com baterias ou com pilhas recarregáveis o que as torna ainda mais fácil de serem adquiridas e manipuladas. E é através delas que criamos imagens e filmes, os quais podem tornar a aula uma experiência muito prazerosa, como lembra FERRÉS, “filmar ou gravar com a câmera de vídeo é para a criança e para o jovem uma experiência nova, apaixonante” (1996, p. 94). Essa vivência é, sem dúvida, uma das formas mais interessantes de se trabalhar em parceria com as mídias. E um exemplo dessa parceria são os Vídeos Teatrais- que compõem o empírico dessa pesquisa-, os quais são assim, denominados por se tratar de uma mistura dessas duas linguagens de expressões artísticas. Porém, por serem os impulsionadores deste estudo, eles serão analisados mais detalhadamente no próximo capítulo.

IV. Uma experiência multimídia - Vídeo teatral

Como vimos anteriormente, a sociedade multimídia é constituída por sujeitos, os quais estão diariamente em contato com a tecnologia, utilizando os produtos da cultura das massas e firmando uma sólida relação com as mídias contemporâneas. E assim, inseridos nesse contexto é que acontecem os processos de aquisição de conhecimento, ou seja, é nessa realidade na qual a educação acontece. Por isso, diante desse panorama, uma das opções, a qual nos parece ser a mais acertada, é aquela onde se utiliza os elementos midiáticos como colaboradores no processo educacional, ou seja, aproveitando-se da simpatia e da facilidade que os jovens demonstram ter com esses produtos, e usá-los na sua educação. Pois como nos lembra LEITÃO, “estamos diante de uma geração que desbrava novas realidades e que inventa novas formas de estar juntos novas formas de aprender e, novas formas de viver” (2006, p.75)

Assim, frente a essa realidade, e explorando a afinidade dos estudantes com os produtos midiáticos, estes, já analisados, no capítulo anterior, desenvolveu-se uma prática educacional no campo do ensino de teatro, denominada de Vídeo Teatral, a qual pretendo explicar mais detalhadamente neste capítulo. A respeito dessa experiência, a qual, chamei de vídeo teatral, penso que não seria exagero afirmar que, esse procedimento, no qual se misturam as linguagens teatral e a audiovisual, criando assim, este terceiro produto, pode ser classificado como uma nova metodologia para ser utilizada nas aulas de teatro. Para tal, basta que lembremos o que nos diz GIL, a respeito da origem da metodologia, “a origem da palavra metodologia está em método. Método vem do grego meta-odos. ‘Meta’ significa após, além, e ‘odos’ que dizer caminho. Método, então pode ser entendido como para além do caminho ou continuar o caminho” (2004, p.190). Sendo assim, acredito que a experiência pedagógica dos vídeos teatrais possa ser, sim, um caminho, no qual os arte educadores, em especial aqueles que tem a prática teatral como seu principal foco, possam seguir visando alcançar resultados mais positivos nas suas aulas.

Entretanto, para chegar ao ponto de servir de inspiração para os colegas professores, penso que se faz necessário contextualizar a minha caminhada até o momento, no qual essa prática (vídeo teatral) se estabeleceu, em definitivo, nas minhas aulas e, assim, passou a enriquecer a minha rotina de professora de artes de uma escola municipal, na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Por isso, farei aqui uma breve amostragem da realidade, na qual se deu esse procedimento. Deste modo, inicio essa recapitulação enfatizando que leciono, há cinco anos, na escola municipal, local onde surgiu esse método. E lá, enfrentei (assim como, imagino que muitos colegas, também, enfrentem) dificuldades, as quais se iniciaram na falta de um espaço apropriado para que eu pudesse realizar aulas práticas de teatro, pois a escola em questão não tinha essa atividade inserida oficialmente em seu cotidiano. Assim, ao buscar alternativas para reorganizar o espaço disponível para as aulas (empilhando classes e cadeiras nos corredores da escola) provoquei um 'alvoroço' em sua rígida estrutura, a qual pode ser contextualizada nas palavras de KENKI, "estrutura burocrática e conservadora a escola se fecha diante dos avanços da sociedade." (1994, p.11), mas hoje em dia, essas mudanças já foram incorporadas ao cotidiano dessa instituição.

Porém, até chegar ao ponto, em que me encontro atualmente (realizando os vídeos teatrais), passei por outras dificuldades como a desconfiança, por parte dos alunos. Essa reação se deu em função do tipo de proposta que eu lhes apresentei para as aulas de artes, que costumavam primar por ser realizadas através de atividades mais individualizadas e, voltadas para as artes visuais como desenhos. Entretanto, eu lhes propunha algo novo e desafiador, com mais atividades corporais, mais movimentos e jogos, ou seja, aulas práticas de teatro, nas quais eles, na maioria, adolescentes, teriam de enfrentar a timidez e o medo de se expor, de maneira desagradável, ou seja, superar a ideia de 'pagar mico' como popularmente eles dizem. Assim, percebi que além de lidar com essa desconfiança inicial dos alunos, também deveria superar a falta de experiência deles com a linguagem teatral, ou pior precisaria transformar a percepção equivocada que alguns deles demonstravam ter acerca do fazer teatral, pois, notei que certos alunos tinham uma visão distorcida dessa prática, como nos diz um deles ao ser questionado, para o presente estudo, a respeito de sua experiência no campo do teatro, antes das minhas aulas, assim quando lhe perguntei se ele possuía experiência com o teatro,

M. 13 anos, aluno da 7ª série, respondeu o seguinte: “já...em 2008, ‘cá ‘sora’ X, na 5ª série (...) era trabalho! A gente alugava um livro na biblioteca ‘i’ a gente fazia ‘tatro’ na aula de português, também, `as vezes, em ensino religioso”. Essa resposta contextualiza, de forma clara, uma visão, que não é só, deste aluno, mas também, de boa parte das experiências teatrais nas escolas. Essas, infelizmente, ainda hoje, se valem da arte teatral, como um meio mais dinâmico e agradável, para realizar a aprendizagem de outros conteúdos como a alfabetização, a história e a literatura. Essa situação, ao que tudo indica, ocorre por vários fatores, que vão desde a falta de profissionais capacitados para ministrar as aulas de teatro, até aquelas questões tidas como culturais, as quais estão enraizadas no sistema educacional brasileiro, no que diz respeito ao ensino de artes nas escolas, mais especificamente, ao ensino de teatro. Como nos lembra SANTOS, “o teatro, da maneira em que é praticado na realidade escolar, subordina-se a objetivos utilitários e disciplinadores e vincula-se a concepção de ensino que não condizem com os ideais da educação contemporânea” (2004, p.113). Contudo, por se tratar de uma questão muito ampla, a qual necessitaria de uma atenção mais profunda de nossa parte para avaliarmos todos os pontos dessa discussão, atitude, a qual nos afastaria dos motivos reais desta discussão e destacaremos outro obstáculo encontrado no ambiente escolar, no qual, a experiência, por nós estudada, se realizou: a dificuldade em operar com as particularidades e necessidades da linguagem teatral.

Assim, enfatizo a questão da falta de compreensão, por parte da escola, no que se refere à prática teatral e o modo como ela se dá, com barulho, agitação, e muita diversão, além, de necessitar um certo tempo para que se possa desenvolver cada atividade. Porém, o que encontrei foram períodos curtos, e distribuídos ao longo da semana, situação que dificultava na concentração dos alunos para iniciar a aula, bem como, para manter a sua continuidade, devido a essa lacuna existente no horário das turmas.

Então, após um primeiro estranhamento de todos os lados (meu, dos alunos e da escola) consegui adquirir meu espaço, tanto no sentido do espaço físico (para a realização efetiva das aulas), quanto subjetivo (no que se refere à conquista da confiança e do carinho dos alunos, assim como do respeito dos colegas).

Assim, destacamos alguns os obstáculos, os quais, ao que tudo indica, parecem ser bastante comuns nas aulas de teatro dentro ambiente escolar. E, conseqüentemente, tendem a desafiar muitos professores, os quais procuram modos de superá-los, e foi assim, que reagi, quando me deparei com estes entraves. E, ao superá-los, consegui conquistar a confiança nos meus alunos e mais liberdade, por parte da escola, para propor aos estudantes uma nova experiência, algo diferente daquilo que eles já haviam vivenciado em minhas aulas. E foi assim, que dei inicio a prática pedagógica dos vídeos teatrais, os quais, detalharei melhor a seguir.

IV. a. Primeiros Passos

Essa prática pedagógica, consiste da utilização de uma câmera digital para registrar as cenas dos alunos, fazendo posteriormente, uso de um programa de computador (Windows Movie Maker), com o qual, se realiza a parte técnica como a edição das cenas, os efeitos de transição, a trilha sonora, e coloca-se os créditos. A finalização acontece com a avaliação dos alunos participantes do processo, os quais assistem aos vídeos, produzidos por eles. Essa prática surgiu nas aulas de ensino religioso, pois foi nesta disciplina, que se deu a proposta, a qual inspirou o grupo de alunos, os quais me procuraram pedindo conselhos para realizar o tal trabalho. Eles queriam minha ajuda, para realizar a parte prática da tarefa, a qual se constituía de uma pesquisa sobre um dos temas abordado nas aulas de religião, o assunto em questão era a religião Hindú. E a partir desse estudo, os alunos deveriam realizar uma apresentação para toda a turma.

Então, foi assim, que surgiu o interesse dos alunos, que naquela época, 2009, cursavam a 6° série do ensino fundamental. Porém, até este momento, não existiam os vídeos, o que eu tinha eram alunos muito envolvidos com o tema do trabalho. E, é nesse momento que a televisão começa a participar desta experiência, pois é nessa época que a Rede Globo exibe em seu 'horário nobre' uma novela, Caminhos das Índias, a qual tinha como tema principal a religião Hindú, coincidentemente, o tema do trabalho dos meus alunos. Desta forma, aproveitei esse elemento midiático nas aulas de artes. E explorei todo o potencial, destes

alunos, nas esquetes, criadas por eles e, altamente inspiradas nas cenas da novela global. Entretanto, ao invés de criticá-los por estarem copiando os personagens e os conflitos mostrados na trama global, fiz o contrário, estimulei-os ao ponto de ter vários alunos circulando pelos corredores da escola, enrolados em toalhas de mesa e lençóis, querendo mostrar para os outros estudantes o que estavam fazendo. E assim, caracterizados com os trajes indianos dos seus personagens (ver anexos nº 1 e nº 2) esses estudantes demonstraram que estavam prontos para realizarem atividades, nas quais teriam de se expor para um determinado público. Deste modo, observei que eles tinham ‘perdido a vergonha’, e estavam muito envolvidos com as aulas. Segui essa empolgação e resolvi registrar as cenas, com dois objetivos primeiro para mostrar ao professor de ensino religioso o que os alunos estavam preparando para apresentar a ele, e em segundo lugar para incentivar aos alunos a procederem uma análise crítica das suas cenas. Mas ao invés disso o que consegui foi despertar o lado exibicionista dos estudantes, os quais começaram a utilizar seus celulares e câmeras digitais para gravar as apresentações. Neste momento, percebi que tinha encontrado um caminho, para trabalhar a arte teatral com esses alunos, os quais me pareceram, de início, muito distantes e pouco empolgados nas aulas de artes, mas que ali naquela hora, estavam completamente entregues ao teatro, mesmo que para tal, tenham se valido das mídias eletrônicas.

Desta forma, notei que estava equivocada. Minha didática estava errada. Precisei ouvi-los para descobrir o caminho. E foi assim, que comecei a prática com os vídeos teatrais, que se expandiu para todas as séries, nas quais eu leciono. E, há dois anos, faço uso dessa técnica, a qual, tenho aperfeiçoado em parceria com meus aliados, os alunos. Pois como diz LEITÃO, “no caso das trilhas virtuais, os guias experientes parecem ser os jovens, que não cansam de surpreender os adultos pela facilidade com que navegam pela rede, pela espontaneidade com que habitam as salas de bate-papo e de jogos *on-line* e pela criatividade com a qual constroem blogs, sites, marcando presença no ciberespaço” (2006, p. 73). Por essa razão, procuro a ajuda dos alunos, para montar os vídeos teatrais, pois foi através deles que aprendi a manusear melhor o programa de edição das cenas.

IV.b. A resposta dos alunos

Neste espaço, me proponho a realizar uma avaliação do trabalho que venho desenvolvendo com esse grupo de alunos há mais de dois anos. E, o qual, desde o primeiro vídeo teatral, me provocou várias indagações, para as quais busco aqui um espaço para refletir. Assim, tendo em vista que esse método se tornou muito presente na minha prática docente, a ponto de (no início) alterar o meu planejamento e cronograma de aulas, senti a necessidade de estudá-lo, não só no sentido da técnica utilizada, mas também as implicações, as quais seu uso frequente acarretaram na minha rotina docente.

Desta forma, e buscando esclarecer aquilo que ocorreu dentro da minha sala de aula, resolvi investigar, mais a fundo, essa situação. E, para tal, me apoiei em autores, os quais tratam das possíveis relações estabelecidas entre os sujeitos contemporâneos e as mais variadas mídias. Encontrei conforto nas palavras desses teóricos, pois durante algum tempo, acreditei que minha atitude poderia não ser a mais adequada para um educador e, deste modo, me questionava, sobre o fato de incentivar os alunos para que eles assistissem mais a TV, e também, para que eles utilizassem os seus celulares nas aulas, burlando, assim, as regras da própria instituição-escola- na qual estávamos inseridos. Acreditava, não somente por força do meu modo de ver as coisas, como de um senso comum, que o professor é aquela figura que critica a televisão e incentiva a leitura de livros, bem como estimula a obediência as regras. No entanto, após o contato com os pesquisadores das mídias, compreendi que, atualmente, a educação ocorre de uma maneira diferente daquela, na qual, ainda, opera o senso comum.

Assim, já mais instruída e sentindo-me mais segura, propus a um pequeno grupo de estudantes, os quais participaram de todo o processo de introdução dos vídeos teatrais no cotidiano das aulas de artes, que eles avaliassem os seus trabalhos do ano de 2009 e posteriormente os realizados no ano seguinte, 2010. Após essa análise, esse grupo respondeu a uma entrevista semiestruturada, na qual lhes questionei, entre outros pontos desse processo, a respeito de suas opiniões acerca do trabalho com os vídeos teatrais, também, perguntei a respeito da

utilização das outras mídias em nossas aulas, como no caso do aparelho celular, bem como, sobre fato de, por meio dos vídeos teatrais, ser possível eternizar um momento tão efêmero quanto o fazer teatral.

Ao longo dessa conversa pude verificar suas impressões e opiniões sobre todo esse processo pedagógico proporcionado pelo método com os vídeos teatrais. E, a partir dessas constatações, consegui destacar algumas questões, as quais ao que tudo indicam, parecem ser algumas das consequências da utilização dessa prática (vídeos teatrais) nas aulas de artes, mais especificamente, nas aulas de teatro.

Percebo que através do método com os vídeos teatrais, é possível despertar o interesse dos estudantes sobre os assuntos relacionados ao campo do teatro, pois, através desse processo eles demonstraram mais vontade de conhecer a história do teatro. Conforme enfatiza, G. 13 anos, aluna da 7º série, “Eu acho legal. A gente aprende mais coisa sobre teatro”. Sendo assim, verifico que, por meio desse método, multimídia, os alunos, também, demonstram mais disponibilidade para as atividades práticas, e aceitam mais facilmente sugestões e críticas. Desta forma, torna-se possível a realização de uma aula de arte voltada para o teatro, mesmo que por vias menos tradicionais.

Já, outra consequência dessa metodologia, refere-se ao fato de que por meio da observação de seus trabalhos, os alunos desenvolvem mais o seu lado crítico, pois ao que tudo indica, esses vídeos estimulam a reflexão do participante, na medida que, ao observar seu desempenho no trabalho em questão, os estudantes alcançam um estágio perceptivo e crítico de sua criação. Esta atitude tende a agregar elementos para um processo de autoavaliação, o que, em uma aula de teatro desprovida desses elementos midiáticos, seria mais difícil de atingir, tendo-se em vista que, essa percepção da própria criação necessita de um distanciamento. Este estranhamento do próprio trabalho, por sua vez, pede certa experiência, maturidade no campo teatral, fato, o que, não condizia com a realidade da minha sala de aula e da minha escola, arrisco dizer, da maioria das escolas públicas do nosso estado e, talvez, do Brasil. Pois, como é sabido, poucas são as escolas, que dispõem de um profissional habilitado para ministrar as aulas de teatro. No entanto,

essa é uma questão para outro estudo, referente a afirmação do docente de teatro no Brasil, e a qual, neste momento, não é o principal foco, deste estudo. Sendo assim, voltamos a nossa atenção para a prática pedagógica, com os vídeos teatrais, e constatamos que, por meio dessa prática, os estudantes tem a seu dispor o material adequado para auxiliá-los nesse processo de autoavaliação. Atitude, que concorreu para o enriquecimento da caminhada destes alunos rumo à aquisição de novas experiências no campo teatral. Pois como lembra BURNIER, “seria possível ter consciência daquilo que não se percebe?” (2001, p.10). A esse respeito, L., 13 anos, aluna da 7° série diz que, “a gente fazia e daí não podia vê”. Logo, percebemos que esse método artístico, estimula a percepção daqueles que participam dele, pois de acordo com BURNIER,

A arte trabalha antes de mais nada com a percepção. Seu poder principal não está em o quê dizer, mas no como. Quando atinge a percepção, é que ela revoluciona. É no inconsciente que encontramos nossa particularidade, nossa individualidade, mas também os elos que nos atam uns aos outros (2001, p.10).

Assim, a gravação dos trabalhos, realizados pelos alunos, possibilitou o desenvolvimento de uma consciência crítica, não somente relacionada ao seu desempenho no processo, mas também a respeito da possibilidade de pensar a criação dos colegas. Conforme nos diz, M., 13 anos, aluno da 7° série, “agora ‘tá’ bem, parece que desenvolveu mais” aí parece estar a possibilidade de materializar o ato teatral uma vez que este ocorre num determinado local e tempo específico e sempre de maneira diferente.

O registro em vídeo torna possível transformar o efêmero, em uma ação concreta, palpável, por meio dos vídeos teatrais, os quais servem de referência para alguns alunos, pois preserva imagens dos momentos vividos pelo grupo nas aulas de artes, como nos diz L., 13 anos aluna da 7° série, “Eu acho legal. Poder ‘vê’ em casa... lembrar, olhar”. Mas, este parecer não ser o único benefício, em se fazer um registro de uma atividade desenvolvida na aula de teatro, o fato de se concretizar este ato, possibilita, também, fazer deste método um aporte palpável para a avaliação escolar, processo que, por si só, já é complexo em qualquer disciplina,

mais ainda, numa aula de teatro, que se desenvolve por meio de atividades práticas de caráter lúdico como os jogos, as improvisações e as brincadeiras, visando aprimorar a sensibilidade do educando, a fim de despertá-lo para um novo campo do saber, como nos lembra DESGRANGES, “por meio dos jogos de improvisação dramática, em que o participante brinca para aprender o prazer do teatro como elemento lúdico e conhecer os mecanismos que o constituem” (2003, p.73).

E, agregado a esses fatores, também está, a possibilidade de reconstruir o olhar dos alunos, no que se refere a valorização do fazer artístico. Entretanto essa atitude pode ser ampliada para toda a escola, a qual em função desta prática pedagógica com os vídeos teatrais acabou transformando o seu posicionamento (olhar) em relação às aulas de artes. Estas, geralmente relegadas ao segundo plano na escola. Ou, ainda, inseridas naquela visão equivocada sobre a prática teatral na escola, a qual valorizava-se mais o produto final desse processo, do que a trajetória que leva até ele, ou seja o espetáculo, a ‘pecinha de final de ano’, como nos lembra GIL, “durante mais de três séculos o teatrinho de colégio foi a base da educação dramática no Brasil, por meio das encenações que respondiam basicamente exigências do calendário escolar”¹⁰ (2004, 176)..

Desta maneira, percebemos que os vídeos teatrais instituíram um novo valor para o ensino das artes na escola onde foram desenvolvidos. E, dentro deste contexto, no qual a escola passou a valorizar mais a experimentação (teatral) em si, os alunos, também o fizeram. Pois, alteraram a sua percepção sobre essas aulas, e muitos deles passaram a pedir cópias dos seus vídeos teatrais, onde atuaram, ou seja, houve uma valorização do trabalho artístico, o qual nos lembra GONZALEZ é, “árido e complexo, mas intenso e vital como todo processo de aprendizagem” (GONZALEZ Apud SPOLLANSKY, 1995, p. 66).

Contudo, essas, ainda, não são todas as consequências avaliadas sobre essa metodologia, pois dentre todos os fatores analisados, destaca-se a criação coletiva, ou seja, por meio da atividade com os vídeos teatrais, podemos, ao que tudo indica,

¹⁰ De acordo com o calendário escolar, duas são as vertentes inspiradoras do teatro. Temos aquelas de cunho religioso, as quais, referem às encenações de Páscoa e Natal, e também, as de vertente leiga, que são aquelas, responsáveis pelas datas como dia das mães, do índio e da Pátria.

conseguir a união e o fortalecimento do grupo participante. Do mesmo modo como no teatro escolar, o qual GONZALEZ define como “uma prática de participação, de solidariedade, de responsabilidade compartilhada. De trabalho em comum como fundamento da realização individual e coletiva” (GONZALEZ apud SPOLLANSKY, 1995, p. 59), mas que pode ser utilizada para esclarecer o método dos vídeos teatrais. Pois, em ambas práticas, identificamos a união do grupo de alunos, como uma das consequências mais visíveis, bem como, o fortalecimento dos laços entre esses estudantes e o professor, ocasionando, assim, uma relação mais próxima e respeitosa.

Assim, neste processo, todos colaboram, os mais tímidos fazem uma pequena participação na cena, e se envolvem mais com a parte técnica, se dedicam mais a edição dos vídeos teatrais, já, aqueles alunos mais extrovertidos acabam se destacando no ato teatral, na efetiva ação da cena. Contudo, de um modo, ou de outro, todos os alunos participam. E, dificilmente um deles fica de fora dessas aulas, assim esta prática pode ser considerada uma boa alternativa ser utilizada nas aulas de artes, com alunos de idades variadas. Conforme diz, L., 13 anos, aluna da 7ª série, “Ah! Eu gosto muito! E, até o ano que vem gostaria de fazer”.

Por fim, mas não menos relevante destaco a presença dos celulares nas cenas, independente, de qual seja o enredo do vídeo. Percebe-se que os alunos recorrem à esse veículo midiático, o qual já foi avaliado anteriormente, quanto a seu grau de importância no cotidiano dos sujeitos contemporâneos. Sendo assim, não é surpresa, que esses aparelhos estejam participando, ativamente, dos enredos criados pelos alunos para os vídeos. No entanto, essa presença não está somente na cena, pois, devido ao interesse despertado por meio dos vídeos teatrais, muitos estudantes fazem uso do celular para registrar suas cenas e a dos colegas. E desta maneira, a sua utilização, nas aulas, também, desperta outra questão, a respeito do uso das imagens, a qual pode alimentar um debate de cunho ético, sobre o uso correto das imagens captadas por eles, ou seja por meio da prática desenvolvida nas aulas de artes, podemos discutir o assunto que se refere ao direito do uso das imagem, em páginas de relacionamento, blogs e sites na internet, tema, que me parece atualizado e relevante para a formação ética desses alunos.

IV. c. Novos desafios

Então, como vimos, muitos, parecem ser os benefícios do trabalho artístico, alicerçado nas mídias, como no caso do método com os vídeos teatrais. No entanto, tendo em vista que, esse estudo objetiva não só compartilhar uma experiência, como também servir de auxílio aos colegas educadores, sinto a necessidade de relatar alguns trabalhos, os quais, venho desenvolvendo com esse grupo de alunos. E ao que me parece, só foram possíveis de realizar, após, a experiência vivida com os vídeos teatrais. Assim, destaco a atividade de performance (ver anexos nº 3 ao nº 6), desenvolvida em vários espaços da escola, no ano de 2010. E na qual, os alunos tiveram a oportunidade de manter um contato direto com o público escolar. Considero que este evento, se concretizou devido a alguns fatores como a disponibilidade para viver novos desafios, a maior união entre eles e o aumento da sensação de segurança em relação a experiência artística, como nos diz T. ,13 anos, aluno da 7º série, “agora a gente já tem mais experiência”. Outro trabalho desenvolvido, foi a encenação de uma peça teatral, fora dos muros da escola. Situação nova e desafiadora, tanto para mim, quanto para eles, pois tivemos que lidar com outro espaço e um público maior (ver anexos nº 7 e nº 8). Esta apresentação se deu em caráter voluntário da parte dos alunos, os quais disponibilizaram seu tempo para os ensaios, no turno inverso as suas aulas e contribuíram trazendo acessórios e figurinos para a realização dessa atividade que não teve caráter avaliativo, ou seja, não valia nota. Deste modo, verifico que pelo prazer de vivenciar o fazer teatral, esses alunos se voluntariaram em prol deste objetivo, o que nas palavras de M., 13 anos, aluno da 7º série “eu acho bem legal! Teatro. Aí eu gosto mesmo! Exprime o que conquistamos, até hoje.

VII. Considerações Finais

Neste estudo apresentamos algumas características da sociedade atual, a qual, denominamos como multimídia, devido a intensa presença das mídias eletrônicas, como a internet, a televisão e o aparelho celular, no cotidiano do homem contemporâneo. E, assim priorizamos estudar, mais detalhadamente, as relações estabelecidas entre esses sujeitos e suas mídias, especificamente no ambiente escolar, por se tratar, como vimos, da realidade da pesquisadora. Pois, como verificamos, essas mídias se encontram em todos os espaços sociais, inclusive nos virtuais. Desta forma, como não poderia deixar de ser, estes elementos representativos da nossa sociedade, também estão presentes na escola. E lá, onde ocorre a formação dos nossos jovens, verificamos que existem possibilidades de utilizá-las, como no caso da televisão, ou do aparelho celular, a fim de estimular os alunos, para a realização de aulas mais próximas de suas realidades, bem como, mais dinâmicas, agradáveis e desafiadoras.

Desta forma, vimos que o método denominado de vídeo teatral pode ser uma alternativa para se realizar esta tarefa, pois, como analisamos, por meio deste procedimento, conseguimos alcançar a confiança dos alunos, despertar o gosto pelas artes, incentivar o debate sobre a ética do uso das imagens, por eles produzidas, valorizar o trabalho artístico, perante a escola e os estudantes, proporcionar a reflexão crítica a respeito de suas criações, integrar todos os alunos numa única atividade, e eternizar os momentos vividos pelo grupo, seja para fins de recordação, seja para facilitar a avaliação. Sendo assim, torna-se claro, as múltiplas transformações conquistadas através desta prática com os vídeos teatrais.

Por fim, constatamos, sobretudo que essa metodologia, pode ser apenas uma porta para outras experiências, como as relatadas acima, as quais serviram para sustentar as impressões obtidas pelo trabalho com os vídeos, assim como, para proporcionar novas emoções, vividas com meus queridos amigos e alunos.

VII. Referências Bibliográficas

- COELHO, Teixeira. O que é Indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1995
- COSTA, Alda Cristina Silva, PALHETA, Arlene Nazaré Amaral Alves, MENDES, Ana Maria Pires, LOUREIRO, Ari de Sousa (2003). Indústria Cultural: Revisando Adorno e Horkheimer. In: Movendo Ideias. Belém, UFPA. v. 8. n° 13, Jun. p. 15-22
- BURNIER, Luis Otávio. A arte do ator: da técnica à representação. Campinas: UNICAMP, 2001, p.31-60
- DELVAL, Juan. Aprender na vida e aprender na escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001
- DESGRANGES, Flávio. A pedagogia do espectador. São Paulo: Huitec, 2003
- FEIXA, Carles. O quarto dos adolescentes na era digital. In: COSTA, Maria Regina da, SILVA, Elizabeth Moreira da (org) Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana. São Paulo: Editora PUCSP, 2006, p. 79 -100
- FERRÉS, Joan. Televisão e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996
- FISCHER, Rosa Maria Bueno, Televisão e educação: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001
- , (1997). O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, UFRGS/ FAGED. v. 22.n° 2, jul/ dez.
- , (2002). Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. In: Revista Brasileira de Educação, ANPED, n° 20, Maio/ Ago.
- , (2008). Quando os meninos da Cidade de Deus nos olham. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, UFRGS/ FAGED. v. 33 n°1, p.193-208
- Gil, João Pedro de Alcântara. Implicações metodológicas da teoria crítica na pesquisa com teatro e educação. In: Ensino de Artes: múltiplos olhares. Íjuí. Editora UNIJUI, 2004.
- HALL, Stuart. A centralidade da Cultura. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, UFRGS/ FAGED. v. 22. N. 2. Jul/ dez
- KELLNER, Douglas. A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- KENSKI, Vani Moreira. O professor, a escola e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. São Paulo: UNICAMP, 1994 (mimeogr)
- LEITÃO, Carla Faria. Inventando novas vidas em novas realidades. In: ALMEIDA, Maria Isabel de, ROCHA, Everardo, EUGÊNIO, FERNANDO. Comunicação, Consumo e Espaços Urbanos: Novas sensibilidades nas culturas juvenis. Coleção Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO / co – edição Mauad, 2006. p. 71-87
- SANTOS, Fausto. Estética Máxima. Chapecó: Argos, 2003
- SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Brincadeira e Conhecimento: do faz-de-conta à representação teatral. Porto Alegre: Mediação, 2002
- SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia. São Paulo: Loyola, 2002.
- SPELLANSKY, Celia, PELANDA, Marcela (eds). La formación del docente da arte: In Teatro y educación. Buenos Aires: Artes y educación, ano 1, 4* trimestre oct/dez,1995
- XAVIER, Ismael (org). A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Graal, 2003

VIII. Anexos



Nº 1- alunos da turma 62- ano 2009.



Nº 2- alunas da turma 62- ano 2009



N° 3 – Performance de aluno da 7° série- ano 2010



N° 4 – Performance de aluno da 7° série- ano 2010



Nº 5 – Performance de alunos da 7ª série – ano 2010



Nº 6 – Performance de alunos da 7ª série – ano 2010



Nº 7- alunos na apresentação do teatro - ano 2010



Nº 7- alunas na apresentação do teatro - ano 2010.